



ORIENTE MÉDIO

Trump acusa o Irã de protelar acordo

Casa Branca desmente rascunho de memorando divulgado pela mídia estatal de Teerã, e presidente americano diz não estar satisfeito com a negociação. Israel escala bombardeios e declara "zona de combate" no sul do território libanês

» RODRIGO CRAVEIRO

Uma invenção total da mídia iraniana. Foi dessa maneira que a Casa Branca classificou o rascunho do acordo de cessar-fogo publicado pela imprensa de Teerã. "Esse relato da mídia controlada pelo Irã não é verdadeiro, e o memorando de entendimento que eles 'divulgaram' é uma completa invenção. Ninguém deve acreditar no que a mídia estatal iraniana está divulgando. Fatos importam", reagiu a Presidência dos Estados Unidos no perfil intitulado Rapid Response 47 na rede social X — uma conta de resposta rápida mantida pela Casa Branca para desmentir fake news.

O suposto esboço do acordo prevê o restabelecimento da navegação comercial no Estreito de Ormuz, dentro de 30 dias, nos mesmos níveis anteriores à guerra. Em contrapartida, os Estados Unidos encerrariam o bloqueio naval e retirariam da região as suas forças bélicas, incluindo porta-aviões e navios. O presidente Donald Trump limitou-se a externar sua insatisfação com o acordo e acusou o Irã de protelar o pacto de cessar-fogo.

"O Irã está empenhado, querem muito chegar a um acordo. Até agora, não conseguimos. Ainda não estamos satisfeitos com isso, mas estaremos. (...) Ou isso, ou simplesmente teremos que terminar o trabalho", disse o republicano, durante reunião com o gabinete. "Eles pensaram que iam me fazer esperar, sabe, 'vamos aguentar firme, ele tem as eleições de meio de mandato'. Não me importam as eleições de meio de mandato."

Marco Rubio, secretário de Estado americano, participou da reunião de gabinete e admitiu "certos avanços" nas negociações com o Irã. No entanto, evitou dar detalhes. "Veremos nas próximas horas e dias se é possível avançar", afirmou o chefe da diplomacia de Washington. Sem responder diretamente à mídia iraniana sobre o suposto rascunho do acordo, Trump prometeu que "ninguém", incluindo o Irã, controlará o Estreito de Ormuz. O republicano rejeitou as informações de que Teerã e o sultanato de Omã poderiam estabelecer um sistema de pedágio para o tráfego marítimo.

Trump tornou a garantir que o regime iraniano não é mais o mesmo. "Não tínhamos a intenção de promover uma mudança de regime, mas... estamos lidando

com um grupo de pessoas completamente diferente daquele com quem estávamos no início", declarou. "Na verdade, acho que eles são mais inteligentes. Um regime caiu, outro regime caiu, e estamos lidando com o terceiro." Apesar da retórica de Trump, a Guarda Revolucionária Islâmica parece manter sua influência nas decisões do Irã.

Vice-chefe político da Marinha da Guarda Revolucionária, Mohammad Akbarzadeh avaliou que "a possibilidade de guerra é baixa devido à fragilidade do inimigo". Ele alertou que "as Forças Armadas estão em alerta, com os carregadores cheios". "Não duvidem de que transformaremos a área de Chabahar até Mahshahr em um cemitério para os agressores", acrescentou, ao mencionar cidades em cada extremo da vasta costa sul do Irã.

Para Denilde Holzacker, professora de relações internacionais da ESPM, o Irã tenta utilizar uma estratégia de comunicação com o objetivo de mostrar capacidade de negociação com os Estados Unidos. "Washington tem feito concessões. Desde terça-feira, com os ataques americanos ao sul do Irã, acho pouco provável que Trump aceite alguns pontos, como a restauração do Estreito de Ormuz e a retirada de tropas do Golfo Pérsico", disse ao **Correio**.

A especialista acredita que ambos os lados tentarão ganhar tempo para melhorar as margens de negociação. "A situação voltou ao nível de indecisão e incerteza de outro momento. Trump quer mostrar aos países do Golfo a capacidade de manter o controle americano na região. Também busca preservar a tensão em nível alto e deixar o canal de negociação em aberto", comentou Holzacker. "O objetivo é seguir estrangulando o regime iraniano."

Por sua vez, Cristina Pecequillo, professora de relações internacionais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), vê a questão do programa nuclear como central. "Enquanto o Irã não destruir o urânio enriquecido ou não transferir esse material para outro país, as negociações ficarão travadas. As opções de Trump ficam cada vez mais reduzidas", explicou à reportagem. "A medida que o Irã não cede no ponto principal, não há possibilidade de o processo caminhar. A declaração de Trump de que não se importa com as eleições de meio de mandato, mas com a destruição das capacidades nucleares iranianas, dá uma sinalização disso".

Atta Kenare/AFP



Moradores de Teerã passam por mural em fachada de prédio com a legenda em farsi "Para sempre nas mãos do Irã", em alusão ao Estreito de Ormuz



Um regime caiu, outro regime caiu, e estamos lidando com o terceiro

Donald Trump, presidente dos Estados Unidos

Líbano

No outro front, Israel realizou mais de 120 bombardeios ao sul do Líbano somente ontem. O Exército israelense advertiu que tratará como "zona de combate" toda a área do território libanês ao sul do Rio Zahrani — uma faixa que se estende por 40 quilômetros a partir da fronteira entre os dois países. Porta-voz das Forças de Defesa de Israel (IDF) em área, o coronel Avichay Adraee enviou uma mensagem pelas redes sociais em que pediu a todos os moradores que se retirassem para a margem norte do Zahrani. A medida incluiria 300 cidades e vilarejos. Desde o início da guerra, os bombardeios israelenses mataram 3.213 libaneses, de acordo com o Ministério da Saúde do país.

Israel mata chefe militar do Hamas

O movimento islâmico palestino Hamas perdeu o recém-nomeado chefe de seu braço militar, as Brigadas Ezzedin al-Qassam, atingido por bombardeio no norte da Faixa de Gaza, na terça-feira, e enterrado ontem. Mohammed Odeh tinha assumido o comando da força há cerca de 10 dias, depois de o Exército israelense ter assassinado seu antecessor, Ezzedin al-Haddad. Odeh é o quarto comandante militar do Hamas morto desde 7 de outubro de 2023, quando comandos palestinos de Gaza invadiram o sul de Israel, mataram 1.200 pessoas e fizeram centenas de reféns. O revide, interrompido dois anos depois por um cessar-fogo — ignorado reiteradamente pelas forças israelenses — deixou mais de 72 mil mortos no território palestino.

Em comunicado, as Brigadas Ezzedin al-Qassam condenaram "o assassinato covarde" do seu líder, "bem como de sua mulher e dos dois filhos". Centenas de pessoas acompanharam os corpos na Cidade de Gaza, da mesquita ao cemitério, envoltos em bandeirolas do Hamas. Um fuzil AK-47 foi colocado sobre o caixão de Odeh.

"Para o inferno"

"Ele foi enviado para se reunir



Omar al-Qattaa/AFP

Palestinos sepultam na Cidade de Gaza o corpo de Mohammad Odeh

com seus companheiros nas profundezas do inferno", comemorou em Israel o ministro da Defesa, Israel Katz. "Assumimos o compromisso de eliminar todos os que lideraram o massacre de 7 de outubro, e é isso que vamos fazer: todos estão marcados para morrer, onde quer que estejam", escreveu na rede social X. Um cessar-fogo entre o Hamas e o governo israelense entrou em vigor em outubro de 2025. Desde então, 910 palestinos foram mortos em ataques, segundo o Ministério da Saúde do território. Israel Katz reafirmou o objetivo

de seu governo de acabar com o governo do Hamas em Gaza e reiterou um projeto para a remoção da população civil das áreas agora sob ocupação militar israelense. "O plano para a migração voluntária a partir de Gaza também será implementado: tudo será feito no momento adequado e da maneira adequada", disse. Em fevereiro, o alto comissário das Nações Unidas para Direitos Humanos, Volker Türk, denunciou políticas "destinadas a provocar uma mudança demográfica permanente em Gaza".

LAOS

Resgate dramático na caverna inundada

Equipes especializadas de salvamento preparavam, possivelmente para hoje, a delicada operação para retirar cinco de sete pessoas presas por uma semana em uma caverna alagada no Laos, no Sudeste Asiático. Os mergulhadores, que se deslocaram de diferentes países, encontraram os sobreviventes ao fim de vários dias de incursões por túneis baixos e estreitos, em alguns pontos com apenas 50cm de largura, parcialmente cobertos de água acumulada de enchentes que surpreenderam um grupo de moradores da região. Eles haviam entrado na caverna, na província central de Xaysomboun, a nordeste da capital, Vientiane, em 20 de maio.

De acordo com as autoridades locais, os laosianos procuravam vestígios de ouro em uma antiga mina desativada. Chuvas torrenciais repentinas, acompanhadas de deslizamentos de terra, inundaram as passagens abandonadas e os sete ficaram isolados e retidos a cerca de 300m da entrada da mina, sem possibilidade de sair. Os mergulhadores encontraram os cinco sobreviventes com roupas, mãos e rosto cobertos de lama, estavam encolhidos em uma passagem estreita. Um socorrista da vizinha Tailândia, Norrased Palasing, publicou nas redes sociais as imagens que filmou do resgate. "Encontramos cinco laosianos. Todos estão a salvo.

Metta Tham Rescure Kalasin/AFP



Mergulhadores buscam laosianos retidos na mina abandonada

Continuaremos prestando ajuda", disse Palasing no vídeo. O mergulhador finlandês Mikko Paasi, que também aparece nas imagens da caverna, disse na gravação que ele e o colega tailandês precisavam "mergulhar de volta imediatamente" e levar mais suprimentos aos homens, para que recuperassem as forças e se preparassem para sair da caverna. "Ainda temos pela frente a tarefa de tirá-los de lá, e não será fácil." Depois de entregar comida e remédio para os cinco, os socorristas retomaram as buscas pelos dois laosianos ainda desaparecidos.

Norrased e Paasi, que chegaram à caverna no Laos na segunda-feira,

também participaram, em 2018, da dramática operação de resgate de 12 integrantes de uma equipe juvenil de futebol que ficou presa em uma caverna inundada na vizinha Tailândia. De acordo com o finlandês, os mergulhadores tiveram de se deslocar "por centenas de metros de túneis repletos de obstruções, cobertos de água, em meio à ameaça de acidentes e um risco elevado de contaminação pelo ar viciado".

O dramático resgate de oito anos atrás, na Tailândia, mobilizou milhares de especialistas de diversos países e atraiu atenção mundial. Além de reportagens extensas, o incidente foi retratado em documentários e filmes de ficção.